

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens me ipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu.

10. 13, 14.

Summario

COMBATE, por Dom Antonio de Almeida. — **SECÇÃO RELIGIOSA**: *Doas palavras a proposito dos Jesuitas* (continuação), pelo Padre José Victorino Pinto de Carvalho; *Que falta fazem os frades?*, por D. Felix Sardá y Salvani. — **SECÇÃO SCIENTIFICA**: *Conferencias religiosas recitadas na Sé do Porto, por Monsenhor Rodrigues Vianna, na Quaresma de 1883*, II. — **SECÇÃO HISTORICA**: *Agua medicinal em Portugal*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos. — **SECÇÃO CRITICA**: *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas; *França*, por Dom Antonio de Almeida. — **SECÇÃO ILLUSTRADA**: *O infante D. Henrique*, por R. — **SECÇÃO LITTERARIA**: *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, (conclusão). — **SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA**: *Historia verdadeira da Inquisição; Ella e Elles*. — **RETROSPECTO DA QUINZENA**, por J. de Freitas. — *Os fundadores do "Progresso Catholico" illustrado*, continuado do n.º 13. — *Expeditente*.



O INFANTE D. HENRIQUE

uma edição; por elle o sabio escriptor guia, no Seculo, o Catholico, e de um modo todo forte e tactico com relação aos tempos que correm; custa em Turim o equivalente a 150 réis.

Se esta publicação tanto já se recommenda por ser um tal argumento tratado por tal argumentador, nem por isto deixaremos de historiar o que se passou, quando estava para vir a lume a primeira edição, e como a temeram os inimigos da Verdade Catholica, que tiveram alguma noticia da resolução do zeloso e erudito *Don Bosco*, e conhecimento pelas primeiras cadernetas, que idas ao fim completaram a publicação; procuraram *aquelles* dissuadir *Don Bosco* de continuar com os *fuscicoli*, tal foi o medo que lhes incutiu em seu nefasto empenho pelo *Erro*; não obtendo resultado, apresentaram a *Don Bosco* alguns milhares de francos, e tiveram por resposta: ficae lá com a vossa pecunia; vendo *elles* que nada conseguiam do *A.* decidiram-se a cousas taes contra a pessoa de

GUIMARÃES 30 DE MAIO DE 1883

COMBATE

A VIDA do Catholico é vida de combate! E annunciada foi esta vida combatadora e combatente pelo Divino Fundador do Christianismo quando disse: «*Non veni pacem mittere, sed gladium.*» Fez pois o Redemptor combatentes Seus fleis seguidores. Combatentes pela Verdade e Justiça, mas ligados sempre à Caridade; ligação esta tão sabiamente explicada por Santo Agostinho, que nos diz como devemos distinguir no homem *errado* sua qualidade de irmão da sua situação *euvenenada* peja *adopção da mentira*. Contra a mentira, sob qualquer forma que seja, deve estar sempre prompto o catholico, e este deve ter também em vista as circumstancias da *époch*, pois que embora o *Erro* não seja *novo*, pode apresentar-se *renovado*, e ainda com seu cortejo e forma *novissima*.

Todo o Christão aprende logo no verdadeiro Catechismo o que deve, como tal, confessar e defender, negar e combater; mas quando entra no *Mundo*, e não para ir com os desvarios de este, deve procurar instruir-se ainda no modo especial de combater o *Erro* que *vestido de novo* busca assim ganhar pelo contrabando. O esforço do Catholico no *bom combate* deve consistir n'este resumo: com um braço sustenta a Verdade, e com o outro guerreia a *mentira* ou o *Erro*! Este é *insidios*, e por isto é mister também conhecer-lhe as *insidias*, que ás vezes se nos apresentam *tão insidiosas* que parecem umas *pombas*.

O Catholico no Seculo! que bella Missão, e que forte combate! a Missão vem-lhe de Deus, no combate é ajudado de Deus. Os militantes pelo *Erro* sam muitos e muitos os meios de que se servem; mas como elles não podem dizer «*Deus pro nobis*» — por isto sam venciveis e vencidos. *Il Catholico nel seculo* é um trabalho escripto ha tempos por *Don Bosco*, e do qual o *A.* acaba de fazer

Don Bosco, que desejamos sejam lidas como as *lênias*, e nem menos resolveram que *minacce, tenattivi di assassínio, colpi di pistola, di coltello*, e se decediram ainda *al veleno*; todos estes meios diabolicos nada conseguiram, e o *A.* e o livro estam vivos, e fazendo sempre bem; *Don Bosco* é combatente por todos os modos e meios ao seu alcance no serviço da Cauza Catholica.

E' no serviço da Religião e em bem da Sociedade que se sustenta o combate Catholico; este poderá exigir mais ou menos insistencia ou variedade nos meios conforme as circumstancias; não nos parece, que em tempo algum outro antes o bom combate tivesse exigido mais insistencia e mais emprego de meios do que nos *tempos presentes*; n'estes em que os inimigos da Verdade procuram abaixar tanto o *argumento Religião* para que esta seja tida por menos que uma *villania de praça*, e ridiculizada como um *escarneo* ou *habu-seira de Theatro*; sim a irreligião, a impiedade, a indifferença com a ignoran-

cia, estão de um modo ou de outro sendo nocivas como nunca antes, logo deve ser muito e muito mais esforçoso por parte dos Catholicos (— e a toda a hora) contra taes inimigos o *Combate!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Serção Religiosa

Duas palavras a proposito dos Jesuitas

II

VIVEMOS em um tempo, em que andam completamente confundidas as idéas a respeito da liberdade.

Aquelles que mais d'ella abusam, os revolucionarios, são esses mesmos, que estão a clamar todos os dias, que ainda não temos liberdade bastante. E á sombrea d'ella vão minando os alicerces do altar e do throno, e preparando o reinado da *Communa*, que ha-de fazer nadar este paiz em felicidades nunca vistas!.. E contra elles não fazem discursos os Ciceros portuguezes, nem representações os liberalões da cidade invicta!..

Dizem que não temos liberdade—temos mais que isso, temos licença. Se assim não fóra, jámais poderiam elles conspirar tanto ás claras, como estão fazendo!.. E' verdade que a liberdade que elles querem, é uma liberdade de funil: tudo para elles, nada para os outros. Querem proclamar o atheismo, e não levam a bem que os outros repilam taes doutrinas. Querem que a humanidade reconheça por ascendente o nobre senhor macaco, e revoltam-se contra nós que, regeitando tão illustre avoengo, teimamos em reconhecer a Deus por Creador do homem.

Não vão aos templos, não cumprem os deveres religiosos, e querem por força que os outros sigam seu exemplo!..

Não querem a monarchia, e tem a pretensão de obrigar os outros a vir para a rua dar vivas á republica!..

Querem liberdade de propagar suas idéas, que são a negação de toda a ordem civil e religiosa, e pretendem negar-nos o direito, que nos assiste, de pugnarmos pelos direitos de Deus, e do throno, pela paz da sociedade e pela liberdade dos individuos!..

Ensinam-se publicamente nas escolas sustentadas pelo Estado, as doutrinas mais subversivas; incutem-se no animo dos alumnos idéas anti-religiosas; contra isso não ha discursos nem representações: mas contra um collegio, que nada custa ao Estado, só porque n'elle se dá aos alumnos instrução religiosa, contra esse levanta-se no salão de S. Bento a voz d'um deputado, a quem o

povo paga para zelar seus interesses, e não para fazer vãs declamações contra pessoas inoffensivas e benemeritas!.. E' assim a liberdade dos revolucionarios, quer de boné phrygio e blusa, quer de casaca e luva branca!..

E' em nome d'essa mesma liberdade, que clamam contra os Jesuitas, que ninguém vê, qué ninguém sabe onde estão.

E' verdade que, segundo a logica d'um jornal, Jesuitas são todos que defendem a Companhia de Jesus. N'esse caso está o paiz coberto d'elles, e bem andam os revolucionarios em pedir providencias contra esses sujeitos, que sem licença d'elles se atrevem a ter idéas favoraveis á illustre Companhia. Sempre a mesma liberdade de funil!..

Mas que actos criminosos practicam os Jesuitas, para que assim se esteja clamando sempre contra elles?

Os Jesuitas dizem missa, e confessam, o que por enquanto não é ainda prohibido. Em quanto as portas dos templos não forem fechadas por ordem dos communistas portuguezes terá o Padre sempre liberdade de dizer missa e de sentar-se a um confessorario, e ouvir quem a elle se chegar.

A confissão é uma lei imposta a todo o catholico, o qual tem plena liberdade de escolher o confessor, que quizer, emquanto os senhores revolucionarios fizerem a graça de o permitir.

Prégam tambem. E o prégar será crime? A missão do padre é ensinar—*docete omnes gentes*—: o Jesuita é padre; prégaro cumpre pois a sua missão. O que seria crime, era servir-se o prégaro do pulpito para excitar odios e vinganças, clamar contra o throno, açular o povo contra as auctoridades, como estão fazendo todos os dias os jornaes socialistas, e alguns que se incultam monarchicos!..

Isso seria um crime, contra o qual eu chamaria todo o rigor das leis, como já fiz, apesar de clamar no deserto, contra muitos d'esses jornaes, que ahí estão impunemente desvaivando a opinião da populaça, e procurando plantar n'este paiz o reinado do terror.

III

Já ouvi muitos sermões a padres, que se dizia serem Jesuitas, e nunca da sua bocca sahiu uma palavra, que fosse de encontro ás leis do paiz. Jam ouvil-os ás auctoridades; havia espiões para espreitarem tudo que faziam e diziam, e nunca houve motivo de accusal-os; e quando se retiravam, requeriam ás auctoridades administrativas attestados do seu procedimento, e sempre obtinham os mais honrosos documentos.

Se elles conspirassem contra a liberdade, contra as instituições vigentes, como fazem os revolucionarios do nosso

paiz, prestar-se-iam as auctoridades a attestar-lhes que era irreprehensivel o seu procedimento em todos os actos da sua vida?

Seus sermões eram a pura e simples doutrina de Jesus Christo; eram o Evangelho, a condemnação do vicio, a glorificação da virtude.

Se havia uniões illicitas, procuravam legitimar-as; se havia inimizados, esforçavam-se por conciliar-os.

Seus cuidados convergiam unicamente a pôr termo a tudo que fosse mau, a animar tudo que fosse bom; não esquecendo jámais de rocommendar respeito e obediencia ás leis, ás auctoridades e aos superiores.

Seu fim era formar bons christãos, bons cidadãos, bons paes, filhos obedientes, maridos e esposas exemplares.

(Continúa).

P.º JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

QUE FALTA FAZEM OS FRADES?

XII

Os mesmos adversarios dos frades, e até os mais encarniçados inimigos das ordens religiosas lhe reconhecem hoje esta missão providencial, e ao descreverem a terrivel devastação porque passou a Europa durante as invasões barbarescas tem forçosamente de confessar que só nas ordens religiosas encontrou o mundo um alívio a tão immensas catastrophes, e unicamente dentro d'esses mosteiros, hoje em ruinas, seguro asylo, contra a brutalidade do vencedor. A palavra monge significava então protector do debil, freio do poderoso, guarda zelosissima da civilisação, arca salvadora das sciencias e das artes. Mosteiro era o mesmo que hospicio, escola, bibliotheca, muzeu de antiguidades, casa de conselho.

E tudo isto, diga-se bem alto, não se observou durante alguns annos, mas em todo esse vasto periodo que a idade media abraça, porque estas santas instituições não morrem como os individuos, antes se universalisam e perpetuam. E continuava a reconhecer-se a necessidade do frade, mesmo nos seculos posteriores ao decimo; porque se observamos que a rudeza e asperidade dos costumes iam pouco a pouco desaparecendo, graças ao trabalho constante d'estes incangaveis cultivadores do campo social, não podemos todavia esquecer que subsistia ainda a distincção entre vassallos e senhores feudaes, e que por isso mesmo o povo necessitava dos bons servi-

cos de um intermediario entre ambos, e as letras e as sciencias só podiam confiar a sua conservação e progressos ao culto fervente que lhe tributava o religioso.

O monge e o frade aproximavam-se das mais altas classes da sociedade por seu ministerio sagrado, por sua illustração e pela influencia que disfructavam, e viviam ao mesmo tempo entre as mais baixas camadas sociaes por sua origem e pela humildade de seus costumes. Só elles visitavam a cabana do servo ao sahir do castello do barão, e visitavam o castello do barão ao sahir da cabana do pobre. E assim, estas duas classes, uma das quaes podia tão facilmente exercer sobre a outra os caprichos do despotismo senhoril, achavam-se unidas, irmãs, por intermedio do frade, cujo habito se não rehaixava com o contacto de uma, nem se engrandecia elevando-se até á outra.

Oh, quem pudesse enumerar aqui preceisa e detalladamente os beneficios d'esta intervenção social tão poderosa! Oh! quem possuísse a maravilhosa estatística dos favores outorgados pelas ordens religiosas ao povo na obscuridade d'aquelles seculos, em que a unica luz consoladora que resplandecia era a das instituições catholicas! Quantas vezes o baculo abbaical dominou o rigor da feroz massa de guerra! Quantas outras o humilde cordão de S. Francisco pôde infrear demasias, diante das quaes toda a auctoridade seria esmagada! Quantas vezes, n'esses claustros onde brillára a sciencia dos filhos de S. Bento, de S. Domingos e de S. Bernardo se amamentou com o leite do saber aos pobresinhos filhos da desgraça, a quem mais tarde a illustração monachal elevou aos mais altos destinos!

E d'esta arte, guiada por tão zelosos mentores, e sob a protecção do habito claustral, foi conduzida a Europa até aos alvares da renascença. Cega e esquecida, orgulhosa ao ver-se de maior idade, e com seus direitos de emancipada, principiou de desviar-se dos caminhos por onde aquellos bons homens a haviam conduzido; mas na nova phase que nos seculos modernos foram apresentando as sociedades, mais necessarios se tornaram os bons serviços do frade, e o frade ha-de voltar!

XIII

Com a idade media não acabou a missão providencial dos institutos religiosos, relativamente ao mantenimiento da concordia e união entre as differentes classes sociaes. A epocha moderna, mais que nenhuma outra, necessitava d'esse intermediario sublime, e os acontecimentos que diante de nossos olhos se

vão distendendo manifestam esta verdade com desconsoladora evidencia.

Não; os homens não chegaram ainda, nem é possivel que cheguem em tempo algum á tão decantada igualdade social, sonho constante de tantos utopistas.

Todos os furores das revoluções, todos os adiantamentos da legislação, todos os progressos da chamada philosophia, não conseguiram fazer desaparecer da sociedade humana essa profunda e essencial desigualdade—ricos e pobres. Antes pelo contrario, os esforços do moderno racionalismo, longe de conseguir extirpal-a, farão cada dia mais e mais desastrosos seus efeitos. A falta de Religião arrastará sempre o rico a novas tyrannias e bruteszas contra o pobre, e provocará este a novos rancores e rebeldias contra o rico.

E quem o não principia a ver já em nossos dias? Já não ha irmãos se não para o odio; só se observa a fraternidade de Cain. *Homo homini lupus*, disse um philosopho, e isto é uma verdade fallando-se em geral de ricos e pobres. A força publica contem a custo com seus rigores a explosão do vulcão socialista, que ruga atrevido, não já sob nossos pés, mas em meio de nossas praças, de baixo das janellas de nossas casas, entre o ouropel e pompa de nossa civilização.

Pois bem. Quando se tornou mais necessario um contrapezo entre estes dois elementos desequilibrados? Quando se reconheceu mais a urgencia de um mediador entre estes rivacs, cegos, um pelo orgulho brutal, e o outro de famintos appetites? Ah! o frade, o frade, eis aqui o contrapezo, o mediador que a misericordia de Deus nos havia disposto para essa hora suprema. O frade com sua poderosa influencia sobre o pobre e o rico, o frade com sua austeridade e com sua popular eloquencia era o unico que podia manter sempre a respeitosa distancia uns dos outros essas duas forças, que, sem elle, não podem viver sem uma a outra fizer cruel guerra.

O frade continuaria mostrando a uns o quanto convém a moderação no uso das riquezas, e aos outros o quanto devem moderar o desejo de as possuir. Continuará o frade a receber do rico para obras de caridade, thesouros que agora se gastam prodigamente em prazeres e em negocios pouco licitos. O frade continuaria a ser o mestre do povo, porque o povo teve sempre para si e para seus filhos uma universidade em cada convento.

(Continua).

D. FELIX SARDÁ Y SALVANY.

Seção Scientifica

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

Recitadas na Sé do Porto, na Quaresma de 1883

por

MONSIEUR RODRIGUES VIANNA

II

A Educação é um Apostolado de Fé

(Continuado do n.º anterior)

E INCOMPLETA a instrucção sem fé: porque?

—Porque o homem sente agitarem-se em sua consciencia uma serie de problemas transcendentos, cuja solução está fóra d'este mundo visível. O homem contempla a nobreza e a perfeição do seu ser; vê esse corpo harmonioso e formosissimo, synthese das bellezas dispersas pelos seres inferiores; observa esse espirito activo, fecundo, creador, em que se espelha a imagem d'um ideal infinito, a que aspira resistivelmente, apalpa esse coração, esse coração sempre anciado, que abre expansivo as suas azas d'oiro, e cança-se de libar o calice das pobres flôres d'este mundo, sem nunca encontrar uma só flôr, um só prazer, por mais legitimo que seja, que desaltere a sede ardente de felicidade, que o devora. Vê, observa, apalpa e naturalmente pergunta a si mesmo: quem me creou tão grande, e tão alteroso a todo o creado? *d'onde vim?*

Depois, alonga as vistas por todo esse riquissimo e variado panorama da natureza, e vê, que do grão d'arica ao astro dos céos, da bonina do prado ao cedro da montanha, do verme do pó ao colosso do mundo zoologico, tudo ahi tem um fim, uma razão de ser, tudo paga um tributo á economia geral do globo que elle habita, e vê que esse globo e o universo inteiro impende para elle como para o seu centro; e naturalmente faz a si mesmo uma segunda pergunta: e eu?... qual será o meu destino, a minha razão de ser sobre a terra? *a que vim?*

Finalmente sente que aspira a uma vida sem termo, sente que ou lavre uma pagina, ou esculpture um marmore, ou sublime uma idea, ou decomponha uma substancia, ou dicte uma lei, ou crie uma instituição, ou verta suores, ou gottas de sangue nas aras da patria, ou grave o seu nome n'um tronco secular, ou escreva o seu proprio epitaphio, busca sempre, e em tudo, a immortalidade, nem pode convencer-se jámais, que o seu pensamento, consciencia e liberdade possam transformar-se nas larvas d'um cadaver: e naturalmente faz a si mesmo uma terceira pergunta: que vida infinda

é esta, a que me sinto chamado? *para onde vou?*

Eis aqui tres problemas, senhores, d'uma importancia unica, sem igual: tres problemas que abrangem o homem todo, com tudo o que mais de perto lhe interessa saber,—a sua origem, meio e fim; tres problemas, que brotam espontaneos das intimas profundezas do nosso ser, e que, por toda a parte se nos deparam, escriptos em caracteres indeleveis, no largo circulo da vida. Quem hade resolver estes tres grandes problemas? A instrucção sem fé?

Vejamos.

—Eu vou convocar uma luzida assembléa, vou reunir um congresso de todas as notabilidades scientificas, que, nos tempos modernos, mais se tem avantajado em fazerem vingar esse rotulo seductor e fallaz, que se ostenta na bandeira d'este seculo e que diz—*emancipação da rasão da tutela da fé*. Ouvi-os, senhores; ouvi os mais auctorisados representantes da instrucção, alheadas luzes do Christianismo; ouvi-os, como elles resolvem esses tres momentosissimos problemas, que nos absorvem e nos tratêam a existencia.

Interrogae-os sobre a origem do homem. Que dizem elles? Dizem que somos um producto espontaneo das forças da natureza, e equiparam-nos aos cogumelos que brotam do seio apodrentado da terra; ou dizem que somos o ultimo resultado d'uma evolução successiva e ascencional do organismo dos animaes inferiores, e dão-nos como *typo* da nossa raça o quadrumano, o gorilla!... O' luzes! ó progressos da instrucção sem fé!

Interrogae-os ácerca do nosso fim sobre a terra. Que dizem elles? Dizem que a virtude é uma idealidade, que a lei suprema da vida é o goso dos sentidos, e que é uma insanía mortificar as paixões, porque somos fatalmente arrastados ao mal: e assim nos reduzem, elles—os pregueiros indefessos da liberdade,—reduzem-nos a machinas puramente automaticas!... O' luzes! ó progressos da instrucção sem fé!

Interrogae-os sobre o nosso fim ultimo, além da campa. Que dizem elles? Dizem, que a immortalidade é uma chimera, é um sonho de visionarios, porque tudo se acaba ahí, e para todo o sempre na vala d'um cemiterio; de modo que a humanidade é uma procissão de lugubres fantasmas, que passam por entre as brumas da vida, para irem cahir todos, uns após outros, nos espantosos sorvedouros do nada! O' luzes! ó progressos da instrucção sem fé!

Vamo'-nos, de semelhante assembléa, senhores: vamo'-nos soltando o brado da consciencia humana, que protesta indignada contra tão inqualificaveis absurdos. Vamo'-nos de semelhante assem-

bléa. E entremos n'essa estancia serena e pacifica, imagem viva do céu sobre a terra, onde se aspira o ambiente do mais puro e santo amor, e onde o nosso coração se refugia como por instincto, quando o açoitam as tempestades da vida, porque tem a certeza de encontrar ahí uma palavra amiga, ou uma lagrima de condolencia, que suavise os penares. Penetremos no sanctuario da familia.

Lá está a mãe, ensinando o seu filhinho a orar. Que formoso quadro!... Quem me dera lapis escolhido para desenharmos este primor!...

Bella quando desdobra, qual anjo protectivo, as azas do seu carinho por sobre o berço infantil, e embala o somno da innocencia com seus doces e ternos cantares, esplendida quando exhaure do limpido seio o proprio alento, para aviventar o ente querido, que se formára do seu sangue, a mãe é verdadeiramente sublime, quando inclinada sobre essa debil plantasinha humana, a quem dera o ser, rega-a cuidadosamente com os celestes orvalhos da prece, e inocula-lhe no amago a seiva fecunda da crença, que mais tarde hade desentranhar-se em mimosas e peregrinas flores, flores, d'alma, flores, do céu.

Mas que diz ella? que diz a mãe christã a seu filho no momento solemne, em que lhe abre o espirito ás visões luminosas da fé? Poucas palavras; mas cada uma d'ellas é um sol, é uma chuva d'estrellas, é uma torrente de luz. Filhos privilegiados d'este seculo! incendidos apostolos da emancipação da rasão, do ensino sem crenças, da escola sem Deus! vinde vêr como é que uma pobre mulher, que nunca cursou academias, nem velou as noites a compulsar grossos volumes, resolve com tres phrases simplicissimas, de modo tão lucido como seguro, esses tres grandes problemas dominantes na vida humana, que tanto vos atarefam, e que tanto vos fazem devanear. Escutae-a:

—Ella levanta entre as suas as pequeninas mãos do filho innocente; e apontando-lhe para o azul do firmamento, onde Deus escrevera em letras de fogo e diamantes o seu nome bendito, diz-lhe, e elle repete—*Padre nosso, que estaes nos céos*. Elucidou-se o primeiro problema! Cahiram os véos que envolvem os mysterios do berço!

Agora já o homem sabe, que veio trazido do céu; que por entre as cortinas d'esse firmamento tão bello, que sua mãe lhe aponta, olha-o, com extremos de pae, um Deus poderoso e bom, que lhe dera o ser e a vida, e que lh'a sustenta providencialmente, como por um fio d'oiro sustenta os mundos rutilantes, que pairam na immensidade. E amanhã, quando essa creança d'hoje fór um joven e fizer a sua entrada solemne no mundo, hade lembrar-se da dignidade

da sua origem, e do seu titulo glorioso de filho dilecto do Creador, e hade saber sustentar, no meio dos rudes combates da vida, essa elevação d'espirito, essa nobreza de sentimentos, e essa força energica de caracter, que preluzem n'esses homens estremados, verdadeiramente superiores, que são o lustre e o mais bello apanagio da grande familia humana.

E a mãe continua—*Sanctificado seja o vosso nome*. Elucidou-se o segundo problema. Cahiram os véos, que envolvem os mysterios da vida!

Agora já o homem sabe que o mundo é um templo, cuja abobada é o céu, e as luzes as estrellas, e o incenso o perfume das flores, e os hymnos o trinar da ave, o cíciar do bosque, o marulhar do rio, e o estalar da onda, e que elle é o sacerdote nato d'esse grande templo, que anima e consagra as vozes mudas dos demais seres, para sanctificarem com elle o nome adoravel do Auctor da vida, cantando-lhe na terra, como nas alturas um immortal *hossana*. E amanhã, quando essa creança, nos florentes annos da juventude, sentir as paixões tumultuarem-lhe violentas dentro do peito, hade lembrar-se do seu altissimo fim sobre a terra, e da brilhante corôa do seu augusto sacerdocio da natureza, e não hade consentir que ellas posterguem esse fim, espesinhem essa corôa, e o reduzam á degradante condição de adorar o idolo mesquinho e quebradigo do *eu*, do oiro, do prazer, em vez de adorar e sanctificar o nome do Grande e Imperecível por essencia.

E a mãe continua—*Venha a nós o vosso reino*. Elucidou-se o terceiro e ultimo problema! Cahiram os véos, que envolvem os mysterios do sepulchro.

Agora já o homem sabe que a morte é vida, e o tumulto o limiar do reino immortal de Deus, para onde caminha em demanda dos seus destinos. E, quando elle olhar para esse tumulto, já não hão-de apavoral-o os horrores do nada, nem mesmo verá ahí um espectro medonho e descarnado, empunhando uma terrível foice devastadora; verá, sim, um anjo jubiloso, sorridente, luminosissimo, que recolhe as almas sob as suas azas immaculadas, e vóa com ellas atravez do infinito, por entre os côros das espheras, a engastal-as no seio amoroso do Eterno.

O' mãe christã! quanto é sublime essa singela formula, com que, logo desde o alvorecer da existencia, nos illumina a existencia inteira! Abençoada a hora, em que reunes em volta de ti a prole estremeçada; e, como a alampada d'um sanctuario, projectas-lhe docemente no espirito o pensamento amoravel do divino Pae, que lhe sorri lá dos céos; e, como um vaso de perfumes, collocado sobre um altar, elevas-lhe para Elle o coração sobre as nuvens olorosas da prece;

e, como um throno de lumes, accesos nos lumes da eterna verdade, alumias-lhe, com os puros resplandores da tua fé, as obscuridades do berço, os turbidos horisontes da vida, e a noite luctuosa do sepulchro!

E que maravilhoso condão o dos ensinamentos, hauridos em labios inater-nos! Já o tendes notado, senhores?

Oh! nunca palavra humana, por mais auctorisada que seja, ha podido lograr semelhante condão. Esses ensinamentos nem os ensombra a duvida, nem os obli-tera o tempo.

Poderá um filho dizer comsigo, talvez para abafar um temorso importuno.—*minha mãe enganou-se*; mas jámais poderá dizer convicto—*minha mãe enganou-me*. Não: que ella ensina com la-bios palpitantes do mais sincero e desin-teressado amor; e esse amor poderá en-ganar-se, sim, mas illudir nunca!

Cuido que não me excederei se vos afirmar, que a mãe, que o sabe ser, e a mais bella synthese personificada do christianismo; é o christianismo compen-diado na sua expressão mais pura, mais sublime e mais attrahente, porque o christianismo é um coração divino espandando luz, é a crença a derivar para o mundo do seio do infinito amor; e crença e amor é a mãe-typo, a mãe elevada a toda a altura do seu mister, e da sua incomparavel dignidade. Prosigamos.

(Continúa).

Secção Historica

AGUAS MEDICINAES EM PORTUGAL

MANUSCRIPTO

Breve noticia das Caldas de Caldellas, Rendufe, Canavezes, Entre-Rios, Ge-rez, Vizella, Monsão, Padreiro, S. Mi-guel de Entre Ambos os Rios,—das aguas ferreas de S. Miquel de Lavandos, Rabordello, Lagoinha—e bre-ves considerações sobre as aguas fer-reas ou ferruginosas nativas, artifi-ciaes e do seu uso.

(CONTINUADO DO N.º 14)

Do verdadeiro uso interno e externo d'estas aguas (as das Caldas de Caldellas)

No systema organico da pelle existe todo o genero de vasos, glandulas e nervos que «*sympathizam com as entranhas*» (2) sympathia esta conhe-cida por Hippocrates, assim como as desordens d'estas relações com os inte-tilinos, e d'estes com a mesma pelle; esta

(2) *Alvi densitas, cutis laxitas: cutis den-sitas, alvi laxitas. Hippocrat.*

é a razão, porque um corpo mergulha-do em um banho do calor do sangue re-cebe grande quantidade de agua pelos vasos absorventes, assim como sendo su-perior ao calor do corpo, ou do sangue; produz pelos vasos exhalantes maior ou menor suor, segundo a constituição do enfermo, grau do calor da estação, e dia. Taes banhos denominam-se *banhos diffusivos*.

São estas aguas sulfureas hepatisadas pelo gaz hydrogenio sulfurado, e conse-quentemente muito prestadias nas mo-lestias seguintes:—em todas as erupções da pelle, mesmo nas incuraveis, suavi-sando os grandes estímulos da materia corrosiva, como a dos leprosos; livram com promptidão aquellas molestias cuta-neas, que são entrelidas por um vicio or-ganico da mesma pelle, ou este seja pelo abuso mercurial, sarnas intempestiva-mente tratadas com remedios estimulantes sem as disposições internas, e ne-cessarias nas sarnas tumores, ou por outras causas, que os professores não tenham sabido attender ou debellar: são utilissimas nos corrimentos brancos ute-rinos, ao que Machrid (?) chama sarna do utero, sendo acompanhadas ao mes-mo tempo com o uso dos amargos, como são os extractos de genciana, marroios brancos, matricaria, centauria menor, quina e outros de mistura com mais ou menos ferro bem preparado algumas vezes combinados com os clamolanos di-gitalis em forma pilular, especialmente n'aquelles enfermos, ou enfermas, que padecerem obstruções de ligado, estoma-gos fracos e varias outras turbações; são igualmente uteis assim em bebida como em banhos nas affecções hypocon-driacas acompanhadas de constricções de ventre, varizes hemorrhoidaes mesmo em clisteres, nas strangurias, catarrhos de bexiga e dos rins, nos rheumatismos espasmodicos, nervosos, independentes de volumosas congestões, obstrucções sarrosas e outras molestias que só po-dem ser curadas ou palliadas pelos seus remedios proprios.

São pessimas e muitas vezes mortaes nos enfermos mal conduzidos tanto pela ignorancia de seus conductores, como pelos abusos commettidos nos mesmos banhos, tomados sem methodo e sem re-gulamento, demorando-se mais tempo mergulhados na agua, do que soffrem as suas forças de maneira que por es-tes abusos adquirem molestias muitas vezes incuraveis, como são hydropesias, rheumatismos pelo abatimento do poder vital. Eu sou fiel testemunha d'um en-fermo d'esta villa de constituição obesa, idade de 60 e tantos annos, vida se-dentaria, que sendo accommettido de um torpor de braço e perna passou ao uso d'estes banhos, aconselhado por um medico d'alta fama, e com tanta infeli-cidade, que entrando a seu pé no banho

sahiu nos braços de outros, acabando apoplectico em poucos dias depois de vi-ver paralytico alguns tempos com um ataque cerebral apatétado.

Não são finalmente as aguas ther-maes, geralmente fallando, uma pana-cea ou restaurador universal, como lhe chamam certos auctores, dos males da raça humana; são sim, as mais das ve-zes, um ramo de peste, sendo mal ap-licadas.

Balnea, vina, venus corrumpunt cor-pora sana; corpora sana dabunt balnea, vina, venus. E' igualmente um erro o mais grosseiro o determinar a demora, e numero de banhos, que os enfermos devem tomar o que só a molestia, idade e forças podem decidir, havendo n'estes um professor sabio, que o possa decidir, assim como felizmente ha nas Caldas do Gerez; porem n'estes banhos, assim como tem sido nos de Vizella, é uma escan-dalosa vergonha a falta de sabios pro-fessores! n'esta triste situação devem os enfermos tomar seus banhos, e beber as aguas por tentativas, principiando por pouco tempo no banho, e quantidade de bebida que pode ser antes do mesmo banho com passeio proporcionado ás suas forças, appetite de comer, commutação de alimentos no laboratorio chimico do seu estoinago, repelindo uma ou mais vezes pela diminuta quantidade de duas onças de agua.

Outro abuso não menos nocivo é to-marem os enfermos seus banhos pela alta noite, ou madrugada, nas manhãs car-regadas de nevoeiros, proprio d'este si-gno pantanoso, e proximo ao rio, ou fl-ualmente na força do maior calor: n'este caso é mais proveitoso aos enfermos não tomarem banhos do que exporem-se a fataes consequencias.

São finalmente estes banhos muitas vezes funestos nos rheumatismos agu-dos, nas grandes ulceras, especialmente nos enfermos de avançada idade, nas obstrucções scirrosas, e cancrios abertos em certas paralytias, em todos os enfer-mos marasmados, summamente debilita-dos, hydropesias confirmadas.

Como são tantas e muitas vezes inco-gnitas as causas das paralytias é neces-saria summa cautella na applicação dos banhos thermaes n'esta molestia, como fica dito: porquanto os sanguineos pe-mdem a sangria decidida por sabio profes-sor, assim como o uso dos antiflogisti-cos, os pediluvios, clisteres, e ar livre, especialmente quando os enfermos são atacados junctamente com aquella apo-plexia chamada *golpe de sangue*; nas so-rosas os banhos laxantes havendo vicio gastrico, e clisteres antipasmodicos, os tonicos graduados e muito poucas vezes os purgantes drásticos, como errada-mente praticam os ignorantes, muito particularmente nos enfermos hypocon-driacos, nos hystericos, nos quaes utili-

sam os sinapismos visicatorios volantes, os bauhos do mar e os choques electricos.

Observação d'uma gravissima molestia curada pelo uso dos clisteres d'estas aguas no anno de 1804.

Curei eu o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. D. Manuel d'Almeida, Governador de Cascaes, d'uma total constricção do ventre, summa magreza, vomitos a todos os injestos, que não fossem poucas colheres de caldo, seguida de uma cruel sarna adquirida em Angola, onde foi Governador; elle tomou muitos remedios applicados por medicos de primeira ordem sem obter melhora mesmo com as Caldas da Rainha, até que vindo a estas da Taipas, eu o curei pelo repetido e successivo uso dos clisteres da mesma agua thermal, por meio dos quaes, soltou constricção intestinal, lançando fezes, como petrificadas, desapparecendo ao mesmo tempo a molestia da pelle e a copiosa corrente de suas ourinas.

Braga—1883.

(Continúa.)

P.^o ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Critica

COISAS! COISAS!

A Ordem, esse valente soldado e companheiro nosso nas lides da imprensa, dava-nos ha dias a noticia de que fora assaltado o convento de Celadas, perto de Coimbra, pela policia, apoz a morte da ultima freira Soror Maria Felismina, que deixára a casa onde vivera tantos annos, na idade de 96 annos, para voar ao céu a receber o premio de uma vida passada longe dos arruidos do mundo.

«A policia, diz o nosso collega, que deixa ás escacucaras e ella mesmo atulha as casas de prostituição, corre logo ás casas do Senhor para sellar as portas, e dizer áquellas desilludidas do seculo:

Para fora, senhoras; de hoje em diante não mais tereis a liberdade de confiar a essas negras e carunchosas cellas o balsamo de vossas lagrimas, e esconder n'esses humildes trajos o aspecto da miseria. Para fora, que isto é já nosso...»

E lá foram as pobres filhas do claustro mendigar, quem o duvida, o pão da caridade, ou morrer de fome junto d'um caminho, como aconteceu aos frades, quando a *liberdade*, visitando este bello paiz, se apoderou dos seus bens. E faz-se tudo isto, invade-se a casa do Senhor, para expulsar as filhas da caridade, os anjos da abnegação, e permite-se por lei, que os lupanares se abram por toda a parte, que o vicio campeie infrene em

meio das nossas cidades e que as mulheres perdidas, qual estatuas moventes da prostituição passeiem orgulhosas, ostentando um luxo deslumbrante, pelas ruas mais concorridas das mais importantes povoações de Portugal.

E faz-se tudo isto quando occupa o throno dos nossos reis uma princeza a quem a imprensa, que se espanja covarde e indignamente aos pés dos poderes publicos, chama, com o synismo que os caracteriza, o *anjo da caridade!*

Anjo da caridade! O anjo de caridade passa por solire as povoações e dá gasalhado e pão a quem se fina, à esquina da rua publica, à mingua de sustento e de vestido que o cubra; e o vosso *anjo de caridade* consente que se roube a casa onde se abriga a virtude, e deixa ir morrer ao desamparo, quem no claustro havia encontrado um refugio contra a miseria.

Que nome haveis dar, jornalistas ao serviço da Revolução, a esses anjos que voejam nas enfermarias dos nossos hospitaes, avidos de entornar no coração do enfermo, as consolões da caridade?

O *anjo de caridade!* Preside aos destinos de Portugal o *anjo de caridade* e fecham-se as portas dos conventos, onde morava a caridade verdadeira, e dá-se existencia legal, em nome da lei, à prostituição, ao vicio, à devassidão!

Não se admitte o convento, porque lá encontrava a mulhier, ao fugir do mundo, um refugio, um abrigo benefico; mas admitte-se o lupanar, porque lá encontra a mulhier a degradação, a baixeza e o desprezo das multidões, e abre a porta do hospital, onde morreria ao desamparo se ali não existisse o Anjo de caridade, mas o Anjo de caridade enluto no burel da penitencia, que não o que se envolve nos arminhos que fogem de roçar-se com a miseria.

Mas viva a liberdade! toque o hymno, snr. Martins de Carvalho!

Portugal, digam o que disserem os seus inimigos, é o paiz mais extraordinariamente feliz que tem o globo terrestre. E esta felicidade principiou, quem saber quando? No dia em que o Marquez de Pombal, o primeiro libertador d'este jardim à beira mar plantado, enxotou, á força de um decreto, para bem longe das praias lusitanas, todos os filhos de Santo Ignacio de Loyola.

E foi! Mas o Marquez de Pombal, o inimigo dos jesuitas deixou este mundo, todos os que foram seus companheiros na grandiosa empresa deram tambem ás de Villa Diogo, e os jesuitas continuam por toda a parte, felizmente, a dispensar á humanidade os fructos do seu saber.

Os Estados-Unidos, esse paiz de liberdade e tolerancia lá os tem e deseja

mais ainda. Não ha muitos dias que o *Jornal de Noticias*, de Erie, nos dava a seguinte consoladora noticia, que nós mandamos de presente ao snr. Joaquim Martins de Carvalho, do Conimbricense, ao snr. Marianno de Carvalho, deputado, e a quantos Carvalhos por ahí medrarem ao bafejo da *santa liberdade* que nos legaram os assassinos da liberdade.

Eis a noticia:

«No dia 15 do corrente mez de Abril os Jesuitas nos Estados-Unidos celebraram com um Jubileu o 250.º anniversario da fundação da sua missão em Maryland e o 50.º anniversario da Provincia de Maryland. E Provincial da Ordem nos Estados-Unidos o Rv.^{mo} Roberto Fulton, um dos mais respeitaveis e mais venerandos sacerdotes nos Estados-Unidos, e um dos seus filhos mais distinctos. Os Jesuitas tem nos Estados-Unidos vinte e dois collegios, e cerca de cem egrejas e residencias. A correr, será bom aqui notar que o nosso Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, e o notavel pregador Portuguez, Padre Antonio Vieira, foram Jesuitas.»

TEEM OS JESUITAS NOS ESTADOS-UNIDOS VINTE E DOIS COLLEGIOS E CERCA DE CEM EGREJAS E RESIDENCIAS!!!

Concluimos fazendo uma pergunta, que, se alcançar resposta, ficaremos satisfeitos: — Nos Estados-Unidos não se darão bem os *Carvalhos*? Oh! bracejassem elles ahi com o mesmo vigor que em Portugal e aquelle povo seria verdadeiramente *feliz!*

O Snr. Joaquim Martins de Carvalho, do *Conimbricense*, é capaz de dizer aos seus leitores que a Italia, depois das varias empalmões a que a *liberdade* deu azo, está a *trasbordar de felicidade*, como este reino de Portugal, depois que se fizeram tambem umas certas empalmões. Pois, senhores, quem tal affirmar mente, e mente descarada e vilmente. Porque, uma folha de Roma dizia ha dias o seguinte:

«Out'ora, sobre o sceptro dos Cezares, o povo conquistador do mundo, cujas aguias tremalavam em todos os pontos d'uma a outra extremidade do globo, tambem tinha o seu grito de guerra: queria pão e folia, queria viver e divertir-se: *panem et circenses*.

Mas, tinha o mundo por vassallo, as conquistas tinham sido feitas a preço do seu sangue e, até certo ponto, aquelles cidadãos de Roma, desprezando qualquer occupação que não fosse a das armas, podiam julgar-se auctorizados a viver e gozar á custa dos povos vencidos.

Porém, a Italia contemporanea não pôde aspirar a tanto.

As suas conquistas não se contam, nem se pezam e os terrores da fome fazem-se sentir.

O pão falta! E pede-se em Roma, em Placencia, em toda a parte! Os famintos não se sustentam com a *liberdade* e quando pedem pão recebem em resposta cargas de bayonetas.

Os jornaes já não podem crear illusões, nem encobrir a miseria do povo, por isso pedem pão e trabalho.

Trabalho! E' bom dizer; porém, aonde se hão-de ir buscar os recursos necessários? E' isto o que ainda não descobriram os órgãos da opinião publica.

Diz-se que o governo delibera e, todavia, em quanto delibera, a fome vae batendo ás portas dos cidadãos.

Em Placencia houve uma grande demonstração popular.

Os manifestantes dirigiram-se á praça Caualli, pedindo abatimento no preço do pão.

A tropa interveio, interceptou todas as avenidas da praça e o resto é facil d'imaginar.

Fizeram-se muitas prisões, houve graves ferimentos e... o mal ficou remediado!»

Assim se tem remediado muitos males em Portugal, e depois as gazetas, os tribunos, e o proprio chefe do Estado dizem á bocca cheia que o estado do paiz é assaz florescente, prospero! Mas a fome, a falta de trabalho vae-a sentindo cada um como pôde.

UM LEITOR DE GAZETAS.

FRANÇA

SANDEAU—*Jules Sandeau* estava ha pouco a morrer em Pariz; foi um romancista conhecido, mas desgraçadamente *sceptico*; a *Academia franceza*, onde ha crentes e não crentes, tinha-o recebido no seu seio; começou a estar doente, e a doença foi-se aggravando; conhecido este estado por sua irmã, esta digna Senhora partiu da provincia para Pariz e aqui tomou o seu lugar, junto da cabeceira do enfermo; Senhora de creença e piedade foi seu primeiro cuidado *missionar* seu irmão para que este buscasse a paz da sua alma em Deos!

Jules Sandeau rendeu-se á Divindade pela *missão* de sua boa irmã; o *Padre* ou Ministro de Deos entrou no aposento do doente, e *Jules Sandeau* recebeu os Santos Sacramentos, e os recebeu *avec une douceur touchante*, como diz o noticiador, de Pariz, de esta consoladora noticia! Quantos outros homens não teriam morrido, e vivido edificadamente, como Deos quer e a propria *Sociedade* é interessada, se tiveram a docilidade de ouvir a verdadeira Doutrina! *Fides ex auditu*; logo fugindo-se a ouvir a

Verdade abraça-se a mentira porque é a mentira que é ouvida, visto que o homem não pôde passar *sem ouvir*; e n'estes tempos a vontade *de ouvir* tem uma insistencia *especial*.

Immensuravel serviço moral fazem os que dizem o que é bom! que gravissima culpa é a dos que apergoam o mal! Fazemos por estar com os primeiros!

ACADEMIA—A começar pelo Venerando Episcopado os catholicos praticos têm entendido, que as *Summitades* de elles na Sciencia devem assentar-se o mais possivel nas cadeiras da *Academia franceza* para n'ellas pugnarem pela Fé servida pela *Sciencia*. Monsenhor Dupanloup despediu-se de aquella *Academia* quando esta por maioria de votos admitiu Renan; foi um *protesto* que as circunstancias do momento gravemente aconselhavam; a *Academia* nunca julgou vaga a cadeira de Monsenhor Dupanloup. O *protesto* ficou; e o Episcopado francez entende, que não deve abandonar aquelle notavel campo de combate; é assim, que acaba de dar entrada na *Academia* um grande erudito Monsenhor Bispo de Autun Perraud. Pediram bilhete para assistir á sessão solemne da entrada de Monsenhor Perraud 4.000 pessoas; a Sala estava cheia de modo, que um dos assistentes disse—*la sale était tapisse de têtes humaines*, era como que cohera a sala por um tapete de cabeças humanas. A *Academia* honrava-se com a admissão do seu novo Academico, e o publico prestava honra ao que alli levava grande saber assentado em creença ainda maior! e assim profundo golpe nos que por ignorancia ou mentira negam a Sabedoria no Clero. Mais tarde chegarão os discursos *da occasião*, dos quaes já chegou o conceito, que diz de elles um triumpho da verdadeira *Orthodoxia*. Por tão solemne modo a *Academia franceza* protestou contra as *doutrinas dissolutas e dissolventes!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Secção Illustrada

◊ Infante D. Henrique

I

ALGUEM se lembrou de levantar um monumento ao infante D. Henrique, e nós, como escriptores catholicos, que nos prezamos ser, vamos erguer esse monumento nas paginas do nosso humilde periodico, antes que o patriotismo dos nossos conterraneos o levante em meio da praça publica da segunda cidade da monarchia. E vamos erguel-o, porque, d'entre os principes portuguezes que honraram a patria, de-

pois que a espada valente do mestre d'Aviz firmara a independencia nacional em cem combates, é este, o audaz navegador, o que mais merece as ovações, os respeito, e a admiração de todos aquelles, que sentem pulsar de santo contentamento o coração, ao recordar os feitos heroicos d'esses valentes e destemidos soldados que, rasgando com a prôa de seus navios o véo que escondia ao velho o novo mundo, deram principio a essa serie de navegações e descobertas, que são hoje o espanto dos mais aguerridos conquistadores!

E na verdade quem seguir com attenção os movimentos dos nossos navegadores hade julgar, se não crer na fé que os animava, que os antigos chronistas se estão rindo de nós d'além das fronteiras que dividem esta vivenda terrena do reino eterno que nos fôra destinado. Eram tantos os reis que se curvavam diante do poder dos nossos monarchas; por tão honrados se davam com a nossa amizade e tanto se orgulhavam em ser aliados do rei de Portugal, os que não tinham por summa honraria o ser seus vassallos, que, digamol-o francamente, o rei que de direito se julgar descendente dos poderosos reis de Portugal que se chamaram D. João I, D. João II e D. Manuel devem envergonhar-se de ter herdado, com um nome tão pouco respeitado, um patrimonio extraordinariamente pequeno.

Então, n'esses tempos felizes, a bandeira, que mostrava em suas dobras as quinas que em Ourique foram doadas ao nosso primeiro rei, tremulava altaneira por entre as ameias de milhares de fortalezas, que se estendiam desde Ceuta até aos ultimos confins do Oriente; e a sua simbria varria com orgulho a superficie das aguas de todos os mares. O apparecimento de um navio portuguez em qualquer porto motivo era logo de receio, de temor; e o fallar-se nas côrtes estrangeiras dos aprestes que Portugal fazia em qualquer occasião, dava logar a embaixadas extraordinarias, que eram mandadas ao rei poderoso de Portugal perguntando-lhe se era contra aquelle estado que preparava tão fortes esquadras.

E' que n'essas épocas, que a historia registra com letras de ouro, todos os portuguezes tinham uma ambição: correr para a dilatação da Fé e o alargamento das raias do imperio portuguez. A Fé e a Patria, Christo e o rei eram o leme que a todos conduzia. E hoje, que differença! Hoje a unica ambição dos *patriotas* é, não como a dos antigos, metter uma lança em Africa, mas sim, metter um braço nos cofres do Estado!

Por isso Portugal caminha para a sua... *felicidade!*

II

Secção Litteraria

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

CAPITULO XX

Victor Britannico, Martyr

(Conclusão)

Quando o reino de Portugal se esphacelava, e as garras dos leões de Castella ameaçavam tragal-o, approuve á Divina Providencia dar-lhe um homem que, á ponta de espada, alcançasse o diadema da realeza, com que ornamentasse a fronte. Esse homem foi o mestre d'Aviz, o mais destemido, o mais valente dos cavalleiros que então offereciam seu sangue por Deus e pela Patria. A sua armadura fez pedaços muitas vezes as garras das feras castelhanas que tentavam ferir-o, e foi aos golpes da sua valente espada, que as hostes aguerridas de D. João I de Castella cahiram em Aljubarrota, amortalhadas nos estandartes da grande nação.

O infante D. Henrique, o heroe de que hoje nos occupamos, foi o quarto filho d'esse rei e d'esse cavalleiro afortunado. Sua mãe D. Philippa de Lencastre infiltrou-lhe n'alma todas as virtudes christãs, como seu pae lhe havia infiltrado todas as virtudes dos heroes.

Foi sua patria o Porto, onde nasceu em 1394, a 1 de março. Ceuta e Alcaicer, Arzilla e Tanger foram as escolas onde o moço infante se educara e onde aprendera a ser o maior homem do seu tempo.

O infante D. Henrique era de estatura proporcionada, largo de espaldas e cheio de corpo. A côr do rosto, branca e rosada, com as intemperias das estações, perdendo o mimo, fizera-se trigueira. Os cabellos castanhos, e quasi crespos, não lhe affrontavam a fronte espaçosa, em que de ordinario poisava uma nuvem, não de ira, mas de cuidado ou reflexão. Os olhos azues, vagarosos e reflexivos, poucas vezes revelavam as commoções mais intimas. O aspecto aos que o viam pela primeira vez infundia mais do que respeito, e nas raras occasiões em que cedia á indignação, o semblante carregado lembrava em certos longes a colera terrivel de D. Pedro I, seu avô. Fallava pouco e meditava muito. A acção era circumspecta, lenta e propria das compleições fleumaticas. O gesto não desmentia a physionomia. As vozes eram placidas e todos os movimentos socegados. Era constante na adversidade, quanto humilde nos successos prosperos, e contemplava com egualdade de animo a fortuna e os desastres. Seguia sempre a persuasão e o dever, e aguardava os resultados.

Tal é o retrato que do nosso heroe nos deixou o grande chronista Gomes Eannes de Azurara.

(Continuaremos.)

QUEM penetrasse no calabouço e se inclinasse sobre o martyr para examinar os effeitos da fome, vê-o-lhe desfigurado pelos primeiros symptomas da morte. Já não era aquelle joven gentil e formoso, outr'ora tão admirado. No seu rosto pallido e cadaverico, nos seus cavados olhos e rugosa pelle, conheciam-se-lhe e divisavam-se-lhe os vestigios de soffrimentos horribes: seus membros descarnados pareciam ter sido comprimidos e triturados n'uma prensa; apenas seus cabellos conservavam a primitiva belleza. Cahindo emmaranhados por sobre a fronte, cobriam-lhe parte os olhos quasi cerrados, e o resto distendia-se-lhe por sobre os hombros e ao longo do dorso em loiras e formosissimas madeixas.

Quem bem attentasse, havia de perceber de quando em quando uns ligeiros movimentos, que se iam pouco a pouco tornando imperceptiveis: era que não restavam á victima senão algumas horas de vida.

Ao terminarem o nono dia, Victor abriu os olhos. Bem como a lampada que ao apagar-se parece que se despede com fulgidas mas rapidas crepitações, assim conheceu o moribundo que seus membros se animavam com repentino vigor. . . . Então, tentando um supremo esforço, ajoelhou-se, pegou com a dextra no ramalhete de rosas, que tinha ao seu lado, collocou-o sobre o coração, cruzou os braços, apoiou a cabeça ao angulo formado pela junção das duas paredes, pronunciou fervorosamente o nome de Jesus, e seu corpo, que com isto havia gasto e perdido os ultimos residuos do seu vigor, sente-se accommettido d'uma violentissima mas instantanea convulsão. . . . e a vida se lhe desprende do coração para cahir nas mãos dos anjos e ser levada ao seio de Deus. . . . Tal foi a morte tranquillada do nosso heroe.

Alguns dias se passaram sem que ninguem abrisse as portas da prisão.

Os antigos amigos de Victor, quasi que o tinham já olvidado. Só Claudia se recordava d'elle, e, pondo de parte todas as suas mais urgentes occupações, fez convergir todos os seus esforços somente para relacionar-se com alguns christãos, pedindo-lhes que a instruissem sobre suas crenças e praticas religiosas.

As escassas explicações, que a custo lhe poderam ser ministradas, impressionaram desde logo seu espirito e conturbaram seu coração, e já se sentia cada vez menos indifferente e menos hostil à Fé christã. Além d'isso, ignorando completamente a situação de Victor, uma não sei que vaga esperanza estimulava tambem seu animo.

Apesar de todas as oppostas apparencias, não podia persuadir-se de que já não tornaria a vêr mais Victor; uma voz secreta e intima parecia segredar-lhe, que esperasse.

Um dia, embebecida mais que nunca n'essa vaga esperanza, determinou-se a interrogar o alcaide do carcere, em que lhe constava havia sido encerrado Victor. Suas perguntas, na sua opinião e modo de pensar, não podiam correr perigo, visto que para ella era já ponto deslinado que, ou o prisioneiro havia conseguido evadir-se, ou o tinham matado a occultas.

Apresentou-se, pois, na prisão e interrogou o carcereiro. Este ficou um pouco perplexo ao principio. Depois porém, cotejando as datas, certillcou-lhe, que a prisão do patricio tinha sido effectuada antes d'elle tomar conta d'aquelle emprego.

Esta resposta, longe de tranquillisar Claudia, não fez mais que espicaçar sua curiosidade.

Informou-se sobre as pessoas, que habitavam em cada um dos diferentes calabouços, e quando se nomeou aquelle, em que tempos antes tinham sido encerrados varios christãos, pediu com instancia, que lhe permittissem visital-o.

O nome de tão distincta e nobre matrona gozava de tal importancia e era de tal modo respeitado, que não houve remedio senão deferir-lhe sua petição.

Acompanharam-na, pois, ao calabouço, que se havia convertido já em sepultura de Victor.

Claudia entrou, levando na mão um archote. Ao transpor o humbral, percebeu-se que todo aquelle ambiente era saturado dos mais suavissimos aromas, dos mais exquisitos perfumes. Ella e seu guia ficaram admiradissimos, não podendo atinar nem conceber quem tivesse podido diffundil-os, visto que nenhum indicio existia de que algum tivesse n'aquella prisão recentemente penetrado.

Desceram por toscas escadarias; e sem saber porque, sentiam seus corações vivamente impressionados. Ao aproximarem-se do martyr, Claudia soltou um grito:

—E' elle, exclamou, é Victor! . . . Victor! gritou-lhe; mas não obteve resposta.

E aproximou-se ainda mais um pouco. A victima estava de joelhos, a cabeça inclinada sobre o peito, como se aspiras-

se o perfume das rosas que conservava na mão, e os braços encruzados.

Claudia, desfeita n'um mar de pranto, a verdadeira estatua da dôr, contemplava o patricio, cujas feições, pallidas e maceradas, mas sorridentes, contrastavam com as flores que se conservavam frescas e viçosas como se n'aquella mesma manhã as tivessem cortado do rosal. Nem o mais leve indicio de putrefacção; dir-se-lia que o martyr acabava de expirar.

Não havia tambem rasto algum de sangue, nem signal d'algum genero de lucta, ou mesmo de que por alli tivesse andado gente armada. . . . Claudia comprehendeu immediatamente o mysterio.

—Morreu de fome! disse. O' victima querida, exclamou cahindo de joelhos, pede por mim lá no céu!

Deus queria sem duvida, recompençar a sinceridade d'esta alma. Queria remunerar a boa vontade da nobre matrona, que foi a primeira a venerar o martyr abandonado e esquecido. Claudia ao levantar-se de fazer sua breve oração, havia formado a resolução e feito o proposito de abraçar o Christianismo.

Decorridas algumas horas, dous christãos, muito conhecidos de Claudia, apoderaram-se respeitavelmente do corpo do martyr e transportaram-no para casa d'ella, valendo-se do escuro da noite.

Ou, porque estes dous christãos temessem alguma indiscrição da joven patricia, ou porque esta ignorasse que Victor podia ser enterrado nas catacumbas, não se deram ao trabalho de o conduzir para lá; antes Claudia mandou abrir uma sepultura na sua propria villa, sem que ninguem pudesse suspeitar qual era seu destino. Mais tarde, depositou n'ella as preciosissimas reliquias do martyr Victor. Como recordação e preito de indelevel saudade, Claudia não conservou d'aquelle que seus amigos assignalavam como seu futuro, outro objecto, senão o ramalhete de rosas, de que nunca jamais se quiz desfazer.

A sepultura que S. Clemente tinha mandado abrir nas catacumbas para Victor, junto da de Paula, ficou vazia, e vazia permanece até nossos dias; porque o coveiro, fiel ás ordens do Pontifice, não quiz enterrar n'ella nenhum outro cadaver. Esperava certamente algum signal convencionado, que lhe desse a conhecer e o pozesse inteiramente ao facto de quem era a pessoa para quem estava tal sepultura destinada.

Com o andar do tempo, morreu o coveiro. A galeria, em que se encontrava a sepultura de Paula, encheu-se de terra, como se fazia quando todos os nichos se haviam occupado, ou quando a necessidade de novas escavações assim o exigia; e por fim, quando no seculo XVIII se reabriu e registrou esta galeria

das catacumbas, lá se encontrou o corpo da joven escrava da Gran-Bretanha junto a outro nicho vazio.

Quando no mez de Dezembro de 1869 tivemos o prazer de visitar as catacumbas, lá se nos mostrou tambem a sepultura de Paula, intacta e com a inscripção, que n'ella gravou o coveiro: e junta d'ella vimos vazias, e ainda por estrear, a que estava destinada para Victor Britannico, seu amo.

Aonde se encontrarão as reliquias d'este martyr? Ignoramol-o completamente; mas que importa? Virá o dia da resurreição universal, e Deus dará a conhecer então essas reliquias sagradas, adornando-as e revestindo-as com os fulgidos e ineflavéis esplendores da gloria, que tem promettido aos seus elcitos.

Devemos acrescentar, ao terminar esta narração, que Claudia foi desterrada de Roma durante a terceira perseguição, e que foi refugiar-se na Palestina com algumas outras damas romanas, tão nobres como piedosas.

Entregou-se ás mais asperas e rudes austeridades da penitencia no asylo solitario, que para si escolheu, e morreu cumulada de meritos e d'annos depois de ter dado as mais brilhantes provas e os mais raros e bellos exemplos de virtude christã.

VERSÃO DO P.º LIMA.

Fim

Secção Bibliographica

A Historia Verdadeira da Inquisição e a Imprensa portugueza e estrangeira

XI

DO «EL SIGLO FUTURO», DE MADRID, HESPAÑHA

(De 26 de dezembro de 1883)

RECEBEMOS o caderno 5.º da traducção portugueza, que o sabio Padre Manuel José Gonçalves Preza está fazendo da *Historia Verdadeira da Inquisição*—trabalho importante com que o nosso querido amigo o sr. D. Francisco Javier Garcia Rodrigo ha illustrado a sciencia historica de Hespanha, acerca de factos mentirosamente expostos, para offuscar o resplandente brilho das mais gloriosas tradições da nossa patria. Este estudo critico, o mais extenso que se tem escripto sobre os tribunaes da fé, ficará completo na traducção, com um appendice formado pelos artigos que o auctor publicou em *La Ciencia Cristiana*, tornando publico o curioso extracto do processo que se instaurou a Frei

Luis de Leon; leitura interessante que recorda os notaveis tramites porque passou esta causa celebre, vindicando assim o Santo Officio de cargos pouco meditados, ainda tratando-se de um varão eminente como o padre agostiniano.

Acerca da obra do sr. Rodrigo tem manifestado sua opinião respeitaveis escriptores estrangeiros, em cujos escriptos se observam modificadas as prevenções que de má fé tem propagado e propagam os inimigos do Catholicismo, inventando pretextos para difamar a nossa santa Madre Igreja Catholica por sua tolerancia com os suppostos crimes da Inquisição em Hespanha. Era necessario descer á refutação parcial de cada um d'estes argumentos; foi isto o que o auctor fez, e tal é a importancia de tal trabalho, que uma das casas editoraes mais importantes portuguezas a fez traduzir para o seu bellissimo idioma.

Felicitemos o R.º Padre Manuel Gonçalves Preza, assim como o distincto sr. Teixeira de Freitas, director do Centro de propaganda catholica, estabelecido em Guimarães, pela publicação que faz d'este e outros livros importantes.»

ELLA E ELLES e a opinião da Imprensa

V

DO «COMMERCIO DO MINHO», DE BRAGA
(De 12 d'abríl de 1883)

«*Ella e Elles*.—O sr. Teixeira de Freitas, da cidade de Guimarães, bem conhecido pelas optimas edições que tem feito, de livros de propaganda catholica e de combate religioso, acaba de editar um opusculo com o titulo que encima este artigo bibliographico.

O livro tem apenas 150 paginas: mas, sendo pouco volumoso, é grande pela materia que contém, pelo vigor com que está escripto.

E' notavel, sobretudo pela solida e rigorosa argumentação, capaz de resistir a todos os sophismas e levar a convicção a todo o homem judicioso.

Ella e Elles—bosquejo á penna por um antigo jornalista.

A primeira vista parece ser cousa de romance o livro de que nos occupamos. Com um titulo semelhante, pouco mais ou menos, nos recordamos de ter lido uma cousa sem nome, nada instructiva e pouco moral.

Não é, porém d'esta classe o livro em questão.

Ella e Elles, quer dizer, a *liberdade* e os *liberaes*, ou mais accentuadamente, a *republica* e os *republicanos*, o que, em ultimo resultado, significa a mesma cousa. Consta o interessante opusculo dos ar-

tigos publicados no jornal a «Nação», durante os mezes de agosto a dezembro do anno de 1882, dirigidos ao «Conimbricense», ou ao seu redactor, o snr. Joaquim Martins de Carvalho, e, por conseguinte, a todos os *provocadores liberaes* do nosso paiz.

É sabido que o snr. Martins de Carvalho, hoje republicano, e sempre liberal, é o homem das *collecções* que, ha muito, anda armazenando para insultar e denegrir a velha monarchia, a nossa gloriosa monarchia de sete seculos.

Mas o livro *Ella e Elles* tambem é uma breve *collecção* que matará todas as *collecções*, como muito bem se diz na epigraphie da segunda pagina.

Muito a proposito, o *antigo jornalista*, que é um dos redactores da «Nação», dirigindo-se ao «Conimbricense», diz:

«Cuidaes talvez que nós chegamos hontem a esta arena do combate?... Enganaes-vos! Lidamos aqui ha mais de trinta annos cumpridos.

Temos o cabello curado pelo sol das batalhas, e o braço feito ás armas mais pezadas.

Quereis sangue? Tereis sangue, que vos farte.

Não provocámos nem provocamos nunca, mas tambem nunca démos nem damos costas aos *provocadores*.

Ahi estão os nossos volumes para o confirmarem; folheae-os.

Pelejamos com os gigantes da vossa imprensa; com os *Sampaio*s, com os *Hercules*, com os *Rebellos da Silva*, com os *Mendes Leaes*, e, os que ainda vivem, que vos mostrem as cicatrizes.

E vós quem sois?

Se existieis, e, por acaso, vos pozemos os olhos alguma vez, não vos ficamos conhecendo; não vos encontramos nas grandes pugnas; nunca vos descobrimos na linha dos atiradores.

Foi necessario que os gigantes se sumissem no tumulto ou se arredassem do campo, para que n'elle tivessem logar os pigmeus.

Quem colheu louros com aquelles, não pôde intimidar-se diante d'estes.

Quando os leões rugem na floresta, não se sente o zumbir do insecto de ramo em ramo; e quem se travou com leões corpo a corpo, mal se occupa em sacudir com a rama da penna o insecto que lhe zine aos ouvidos.

Mas se teima, se se obstina, é forçoso colhel-o entre as duas palmas das mãos, e soprar-lhe o cadaversinho para sobre as azas do vento, que o leve, nas horas de Deus, onde não torne a incomodar ninguém.»

Muito bem.

Todo o mundo reconhece a alta competencia da «Nação», quando se trata de assumptos religiosos e sociaes; são innegaveis os importantissimos serviços que á causa catholica tem feito aquelle

acreditadissimo jornal, esforçado campeão do direito e da justiça.

Os seus trinta e seis annos de existencia são outros tantos annos de combates e de glorias; nas lides da imprensa tem colhido louros que não murcham, debellando magistralmente as argucias da seita revolucionaria, anti-catholica e anti-nacional.

E com quem se foi metter o *homem das collecções*!

Poderá acaso refutar o que está escripto no opusculo *Ella e Elles*?

Porque o não faz o snr. Joaquim Martins de Carvalho, ou alguma d'essas hebras que se enroscam no tronco carcomido do liberalismo?

Com a historia na mão, e sob o peso d'uma logica inflexivel, o auctor do opusculo patentea os horrores e infamias praticadas pela *liberdade*, principalmente na França, que tem sido a mãe e mestra de todos os revolucionarios.

Ao snr. Martins, do «Conimbricense», que incessantemente martella contra a velha monarchia, diz o *antigo jornalista*:

«Relate quanto achar e não achar; exagere; invente; amontoe; acame o recame; imprima e reimprima; faça uma serra bem alta, que topete com as nuvens; ponha faltas sobre faltas; erros sobre erros; crimes sobre crimes; atrocidades sobre atrocidades; não desconte nem razões de tempos nem de circumstancias; não attenda a nenhuma cseusa; não escureça nada; pelo contrario, agrave tudo; faça tudo mais negro; mais horrivel, muito mais horrivel; e, no fim, encarapite-se n'esse montão de gerações e de seculos; ponha-se ainda nos bicos dos pés, que, *apesar de tudo*, não conseguirá, por mais que se esforce, por mais que estenda o braço, por mais que se estire, não conseguirá, mesmo de longe, e muito de longe, attingir a altura das enormes faltas, dos vergonhosos erros, dos assombrosos crimes, das incriveis atrocidades, dos cruelissimos horrores, das abjectas infamias da sua querida *liberdade*, em poucos annos do seu ignominioso reinado!

«E não pare na antiga monarchia, propriamente; revolva com o mesmo processo e sem attenuantes tudo o que, cega e apaixonadamente, se possa referir á Inquisição; tudo o que possa encontrar de malfetorias, mesmo particulares; de attentados de *todo o genero*; apure tudo, vasculhe tudo, traga tudo para o monte; tudo, sem lhe esquecer nada; e, depois de tudo, torne a estender o braço de cima do tal monte das suas superiores averiguações, torne a estirar-se bem, e verá que torna a ficar longe, incommensuravelmente longe, das tetricas, pavorosas alturas da sua horripilica *liberdade*.

«Ainda mais; deixamos livres ao snr.

Joaquim Martins os archivos de todas as nações, ainda os mais secretos; deixamos á sua disposição as armas de todas as nacionalidades, reservando apenas para nós, n'este duello, os archivos de França, com que nos contentamos, e que chegam, e sobram, para lhe taparmos a bocca!»

Não transcrevemos mais; e tambem não é preciso, para dar a conhecer a importancia do precioso livro *Ella e Elles*.

Basta o que deixamos copiado, para excitar o appetite do leitor.

E, certamente, todos á vista do exposto dirão: Que grandes e horrorosas as atrocidades da *liberdade* ou *libradade*!

Que sanguinarios e perversos não são os heroes do liberalismo!

Basta isto para que todo o coração generoso e bem formado deteste a Revolução e os seus principios ferozes e anarchicos.

No opusculo *Ella e Elles* tambem se faz ver as gentilezas liberaes no continente portuguez e nas Ilhas Adjacentes.

Recommendamos a todos a leitora d'este livro maravilhoso.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.»

Retrospecto da quinzena

QUANDO o presente numero d'este periodico tiver chegado ás mãos dos nossos leitores, terá findado o mez de Maio, o mez das flores e dos amores consagrados á Virgem Immaculada. E bem fundas saudades elle deve ter deixado, mórmente ás leitoras, que seguiram com fervida devoção os piedosos e sympathicos exercicios que durante todo o mez se fizeram á Mãe de Deus, e nossa Mãe. E qual será a leitora do *Progresso Catholico* que não assistisse á poetica devoção do mez de Maria? Nenhuma, crémol-o, e Deus faça que esta crença nos não abandone.

Os exercicios de piedade, as festividades religiosas devem ser os bailes, as diversões da mulher catholica; porque em parte alguma, digam o que disserem os que se envergonham de ir á igreja, a mulher está mais bem collocada, mais faz realçar sua belleza. Para nós, nada ha mais bello, mais extraordinariamente formoso, mais sympathicamente poetico, que a mulher christã de joelhos aos pés do altar. E' ahi que todas as bellezas, todas as formosuras d'alma se lhe espelham, se lhe retratam no rosto sereno. Comparee o semblante da mulher do mundo, da mulher que se desnuda para ir n'um baile receber as ovações das turvas descrentes, com a phisionomia toda meiguice e pudor da mulher que se veste com recato para ir

ao templo render culto ao seu Jesus Sacramentado, ou ao immaculado coração d' Aquelle que toma por modelo, por protectora, por mãe, e dizei-nos onde está a belleza, onde a poesia, os encantos da mulher!

Felizmente o povo de Guimarães ainda vae á egreja, ainda se compraz em assistir aos exercicios do mez de Maria, e tanto se compraz d'isso que, apezar de se fazerem os piedosos exercicios, á mesma hora, na egreja de S. Domingos, e de S. Francisco, era pequena para conter os devotos de Maria. Louvores a Deus.

E louvemos ao Senhor tambem e a Sua Mãe Santissima pelos milagres que durante todo o mez se operaram n'esta cidade. Foram muitos, e para não os enumerar a todos, porque o tempo nos não sobra, apontaremos dois, que só elles bastam, para que nós todos nos regosijemos.

Um doente que ha muitos annos se não confessava, e que estava em perigo de vida, teimava em não se confessar, com o que mortificava a familia, que todos os dias, por si e pelas pessoas amigas, pedia para que elle não deixasse a terra sem se reconciliar com Deus. Foi tudo baldado. No primeiro dia dos santos exercicios o sacerdote que a elles presidia pediu aos assistentes implorassem do Sagrado Coração de Maria as luzes da graça para o infeliz enfermo. Ao fim do terceiro dia, o doente mostrou desejos de se confessar, e, recebendo todos os sacramentos, morreu no dia seguinte.

Outro, que se não queria confessar e que estava perigosamente doente, foi tambem recommendado á protecção da Virgem, confessou-se e tem sentido progressivas melhoras.

Louvor ao Senhor, e de joelhos, agradecemos ao Sagrado Coração de Maria tantos beneficios e façamos voto de já-mais deixarmos de concorrer, por todos os modos, para que os santos exercicios do Mez de Maria se façam cada anno com mais esplendor.

Da festa que se ha-de fazer no ultimo do mez n'esta cidade, fallaremos no primeiro numero, pedindo a todos os nossos leitores nos dêem noticias das que se fizerem nas suas respectivas localidades, para que, noticiando-as, honrêmos Aquella sob cuja guarda pomos todos os nossos commettimentos.

Na *Religião e Patria*, jornal vimarense e defensor do partido regenerador, lia-se em 2 de maio o seguinte:

«Dadiva real. — Esteve domingo em exposição, e continuará a estar amanhã de tarde, na egreja das Capuchinhas, d'esta cidade, um rico e formosissimo vestido, que Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia offerecera á Virgem da Madre

de Deus. O immenso povo, que alli concorrera em tropel, não se cansava de admirar a valiosa offerta e bendizia no seu sincero entusiasmo a mão piedosa, que tão generosamente a offerecera.

E' o vestido um primoroso tecido de setim azul de Lião, recamado de flores e ramagens d'ouro e matiz d'um effeito seductor, e franjado de valiosas rendas egualmente d'ouro.

A Mãe de Deus, enriquecida já na terra por muitas dadivas reaes e verdadeiramente munificentes, sorriu-se mais uma vez, agradecendo á sympathica rainha o mimo e a valia da sua offerta, e o bom povo d'esta terra, que já no seu coração de portuguezes havia levantado para a sua bem querida Soberana um throno de respeito e amor, pode assegurar-lhe agora milhares e milhões de thronos, em sua honra levantados por outros tantos catholicos; porque a digna afillhada de Pio ix honrou d'um modo verdadeiramente real as cinzas de seu padrinho, concorrendo com elle para a maior honra e gloria da Mãe de Deus.

O Berço da Monarchia tem hoje mais uma razão para felicitar os povos, que vivem á sombra das monarchias catholicas.»

A' vista d'esta noticia ha-de julgar-se que a dadiva da Snr.^a D. Maria Pia é uma cousa por esse mundo fóra, e que o povo de Guimarães é tão palerma que não diga com os seus botões: *melhor que isto tem já a Senhora de Madre de Deus, e mais não se fez tanto barulho.* E diz muito bem o nosso povo. Não querendo fallar d'um vestido que foi doado á mesma Senhora pela Rainha D. Maria I, foi-lhe dado haverá dois annos um vestido pela Ex.^{ma} Snr.^a Marqueza da Monfalin, que nos parece não ser inferior, ou talvez seja melhor, porque é novo, e nem se fez apparatusa e escandalosa exposição, nem as gazetas disseram tanto, como agora.

Dizemos escandalosa exposição porque apenas chegado o vestido, tal qual como a Snr.^a D. Maria Pia o usara, foi collocado sobre o altar de Nossa Senhora de Madre de Deus, altar onde se celebra o santo sacrificio da Missa, como se collocaria no mesmo logar o Santissimo Sacramento do Altar, estando o padre Cappellão, que não sabe cousa alguma do seu ministerio, ao lado do altar, sem nenhuma reverencia, mostrando o *primoroso tecido.*

Esqueceu á *Religião e Patria* noticiar isto. Pois de vera fazel-o, porque quando se pratica um escandalo, nós, os que nos chamamos jornalistas, devemos apontal-o, já-mais quando a opinião da gente illustrada de Guimarães censurou asperamente o proceder do snr. padre Manuel Custodio de Souza Gonçalves, proceder indigno de um sachristão, quanto mais de um padre. O vestido da snr.^a

D. Maria Pia não é mais que o vestido de qualquer mulher, e não nos consta que em tempo algum se collocasse sobre o altar o vestido d'uma mulher.

Mas vamos ao mais.

Não vimos que se fizesse tanto barulho quando, o anno passado, a Ex.^{ma} Snr.^a Baroneza do Pinheiro offertou a Nossa Senhora das Dores, de S. Francisco, um vestido, e a familia Chaves (1) um riquissimo manto. E quem mandou vir de Roma uma imagem do Sagrado Coração de Maria, concorrendo assim para mais se afervorar a devoção da Virgem, parece-nos que fez mais do que a Snr.^a D. Maria Pia em mandar um vestido já usado.

Faremos tambem um reparo ao que diz o collega acerca do modo como a *digna afillhada de Pio IX honrou d'um modo verdadeiramente real as cinzas de seu padrinho.* . . Não comprehendemos. Quando a afillhada de Pio ix teve occasião de honrar as cinzas do padrinho, foi ao subscrever para o levantamento da estatua que Portugal lhe havia erguer na serra de Santa Catharina. E nós vimos que ella, a que se chama rainha de Portugal, subscreveu com 50\$000 reis, quantia igual áquella com que concorreu o Arcipreste de Guimarães, um pobre padre de aldeia.

Desculpe-nos o nosso esclarecido collega estas considerações, nas quaes não temos intenção de offendel-o, antes louvamos a maneira como defende os reis, a quem devemos respeitar; mas não valem tanto as suas dadivas como as que faz quem não é rainha; e sobretudo nos fez mal o ver um vestido usado por uma mulher sobre o altar da Virgem.

Os governos d'estes nossos reinos não querem missões nem mesmo no Ultramar, e nós achamol-as uteis mesmo no continente. Onde o missionario apparece, se os povos vivem em desordem, longe do templo, com os olhos fitos no que é dos outros, desde logo a paz se restabelece; o templo é frequentado, e as restituções fazem-se continuamente.

Ainda ha pouco nos contaram as gazetas os fructos produzidos por uma missão, que em Molledo fizeram os R.^{os} Padres Miguel Ferreira d'Almeida e Jeronymo Duarte d'Almeida.

O nosso estimado collega na imprensa e irmão nas lides que se ferem em prol da causa de Deus e da sociedade, a *Nação*, diz o seguinte a tal respeito:

«Era admiravel, magestoso, imponente, ver destacar-se dos montes centos de pessoas, que atulhando os caminhos, se dirigiam á espaçosa e elegante egreja de Molledo, calisbaixos, silenciosos, e

(1) Não sabemos qual das familias Chaves fóra a offertante, mas foi uma das três, que em todo o caso são todas a mesma familia.

com os olhos marejados de lagrimas!! Na ultima semana a igreja estava apinhada de fieis, e os confissionarios cercados de centos de penitentes.»

E como não ser assim? O nosso povo está com desejos de quem lhe mostre a felicidade eterna, porque farto está elle de quem lhe mostre só as alegrias da terra.

Os governos só lhe dão dias de festa quando vencem uma eleição ou quando faz annos a Carta ou algum filho da dita; mas isto não falla á alma, isto não satisfaz os corações. O povo carece de que lhe fallem de Deus, de que lhe apontem o caminho que a Elle conduz, porque todas as suas aspirações são para o céo, para a vida eterna.

E teem-lhe roubado este prazer, teem-no embrutecido com as blasphemias, que constantemente lhe ensinam nos cafés, na imprensa, nos theatros e até, vergonha é dizel-o, no seio da *representação nacional*, d'onde devera ensinar-se a amar a Deus, fonte de toda a auctoridade!

Que felicidade seria para Portugal se em todas as terras, se em cada freguezia, houvesse, ao menos uma vez cada anno, uma missão! Custaria muito, porque seria necessario fazer um requerimento aos *Carvalhos*, declarando que não haveria perigo para a sua *liberdade*; mas que importava isso!

O *Consultor do Clero*, nosso esclarecido collega, de Braga, dava-nos ha dias a seguinte noticia, que reproduzimos com prazer:

«Um obscuro parochio d'este arcebispado foi tratar de seus negocios familiares á Ilha Terceira. Conta o virtuoso sacerdote, que foi visitado pelo nobre Prelado d'aquella diocese, tendo sido visitado poucos dias antes pelos seus familiares. Mostra-se confundido com tantas provas de estima e como que se confessa surprehendido!

E' na verdade uma supreza mui digna de ser notada e ainda mais digna dos elogios de quem préza a dignidade sacerdotal. Ao virtuoso Bispo d'Angra, que por modo tão distincto considera os cooperadores dos Prelados, as nossas homenagens mais respeitadas.»

E as nossas, que não podem faltarlhe, como não faltarão nunca a todos os Prelados que, como o de Angra, tão bem sabem ser paes, primeiro que pastores do rebanho que lhe está confiado.

Sirva a noticia, que ali deixamos, de continuação ás virtudes apontadas n'esta revista por occasião de ser dado á estampa o retrato de S. Ex.^{ma} R.^{ma}

Aos que ignoram os rasgos de caridade que se praticam por esse mundo, a ponto de baratearem o titulo de *Anjo de Caridade*, offerecemos a seguinte no-

cia, que o nosso presado companheiro de Coimbra, a *Ordem*, publicava ha dias:

«Existe em Roma um asylo para os meninos pobres, doentes e desamparados, assim chamado. Foi fundado pela duqueza de Salviati, em 1869, com o concurso de Mons. Merode. Começou por 6 leitos: hoje tem vastas proporções. Tem casa espaçosa, cosinhas, pharmacia, uns 6 medicos (*que se offerecem gratis*): dirigem a casa 10 *Irmãs da Caridade*, com 18 enfermeiras ás suas ordens.

D'onde vem o dinheiro para tanto? A duqueza Salviati responde assim: *Da fonte da caridade.*»

Que nome se hado dar á duqueza Salviati, façam favor de nos dizer?

Se vier a resposta, tenham a certeza os leitores que lh'a communicaremos até n'um suplemento, se de tanto houver carencia.

A *Correspondencia Politica*, de Vienna, publicou uma carta de Roma, em que se diz que Sua Santidade Leão XIII trabalha incessantemente na conclusão do tratado leaes e duradouros com todos os Estados que ainda não abandonaram os principios da justiça e do direito. O Santo Padre, diz o correspondente, queria dar á febre que se nota nas sociedades o salutar remedio da religião, convencido de que a politica não poderá moderar por si só nem fazer com que se converta em beneficio dos povos o movimento socialista que agita a Europa inteira.

Sempre o Vigario de Christo apparecendo como um pae em meio de seus filhos!

Ao nosso esclarecido collega e valente soldado que peleja, como nós, á sombra da bandeira de Ourique, a «Cruz e a Espada», damos os mais phrenéticos parabens pelo triumpho alcançado contra a prepotencia, que em toda a parte é a mesma por parte dos governantes, quando se trata de soldados que, como o nosso companheiro bracarense, combatem de vizeira erguida.

Felicitamos o nosso collega da cidade de Cunha, no Brazil, «O Conservador», por haver encetado o 3.º anno de sua publicação.

Egualmente felicitamos o nosso collega de Barcellos, «O Tirocinio», ao encetar o 2.º anno da sua vida jornalística.

J. DE FREITAS.

Os fundadores do «Progresso Catholico» illustrado

(Continuado do n.º 13)

José da Silva Martins, 1 — José Domingues Costa Maia, 3 — Padre José Antonio da Rocha, 2 — Abbade Luciano Joaquim de Moraes, 2 — Padre Antonio Marques de Souza Ramalho, 4 — Padre Alfredo Elviro dos Santos, 1 — Francisco Pereira da Silva Pinto, 1 — Domingos Antonio da Silva, 4 — Manuel Dias da Silva Carneiro, 1 — Padre Antonio Baptista Linhares, 6 — Padre João Bernardino M. de Miranda, 1 — Rodrigo da Silva Sanches, 4 — Padre José da Costa e Oliveira Pinto, 7 — D. Anna Rita de Jesus Caldeira Carvalho, 2 — Antonio C. da Silva Torres, 3 — Padre Martinho R. de Santa Rosa de Lima, 1 — Abbade Francisco José das Neves, 1 — Padre José Dias Urbano, 1 — Prior, Alexandre M. da Silva Vidal, 1 — José Lopes Portella, 2 — Padre Antonio Lourenço de Babo, 1 — Padre Antonio Ximenes Vasques, 1 — Padre Joaquim Marques Ferreira, 1 — Padre Antonio Maria Ferreira, 2 — Padre José Joaquim d'Oliveira, 3 — J. Verissimo Ribeiro, 1 — Reitor José Dias Pereira, 1 — José Bernardo de Lima Machado, 3 — Padre Firmino Paes da Silva, 3 — Marcelino José Carvalho da Fonseca, 1 — Padre Daniel Távares Nogueira, 2 — Padre José Francisco dos Reis, 1 — Padre Luiz Gomes da Silva, 2 — José Ribeiro dos Santos Gomes, 4 — Padre João Augusto Rebello, 2 — Padre José Pedro Lopes Pinto, 1 — Padre Manoel Osorio Gonçalves, 1 — José da Silva Ferreira, 1 — Padre Antonio da Silva Leonor, 1 — Padre Albino Simões Dias Cardozo, 2 — Padre Antonio José Pereira, 1 — Padre Manoel José da Cruz, 1 — Padre João Ladeiras de Deus Ferreira, 2 — Padre Manoel Pereira de Miranda, 2 — Domingos Francisco da Silva, 2 — Antonio José Borges, 1 — Joaquim da Cruz Guerreiro, 2.

(Continúa.)

EXPEDIENTE

O 7.º fasciculo da *Historia verdadeira da Inquisição* será distribuido em breve. Pedimos desculpa da demora.

Aos assignantes do *Progresso Catholico* em divida pedimos o favor de mandar pagar a assignatura.